

NICOLA HANSEN/RIA

O governador da Flórida, Ron DeSantis, anunciou ontem a suspensão de sua campanha pela candidatura do Partido Republicano à eleição para a Presidência dos Estados Unidos, em 5 de novembro, e disse que apoiará o ex-presidente Donald Trump, favorito nas pesquisas. Com sua saída, Nikki Haley, a ex-governadora da Carolina do Sul e embaixadora dos EUA na ONU, é a última rival ainda na disputa com Trump.

DeSantis fez o anúncio em um vídeo divulgado na rede social X (antigo Twitter) a dois dias das primárias de New Hampshire, amanhã, marcando uma espetacular implosão de uma candidatura inicialmente vista como a única capaz de fazer frente ao ex-presidente republicano.

Com apoiadores e doadores deixando sua campanha e as pesquisas indicando derrotas em New Hampshire e na Carolina do Sul, em 24 de fevereiro, poucas alternativas restaram a DeSantis. Pesquisas no início do mês chegaram a indicar sua vitória em New Hampshire, mas nos últimos dias ele despendeu para um distante terceiro lugar, com apenas 6% dos votos.

#### DIFERENÇA DE 30 PONTOS

Trump, de 77 anos, saiu na frente em Iowa há uma semana, quando 51% dos eleitores republicanos o escolheram, marcando uma diferença de 30 pontos percentuais de DeSantis, que obteve apenas 21%. Haley, cuja imagem mais moderada teve mais dificuldade para agradar o eleitorado conservador do estado, ficou com 19%.

Na gravação, DeSantis disse que, após o segundo lugar em Iowa, não poderia "pedir" a seus partidários "que oferecessem seu tempo e doassem seus recursos" sem um "caminho certo para a vitória".

"Suspendo hoje [neste domingo] minha campanha", afirmou DeSantis no vídeo. "Para mim, está claro que a



Sem dinheiro. DeSantis durante evento em Des Moines, Iowa, no início do mês; campanha ficou com poucas alternativas após perda de apoiadores e doadores

maioria dos eleitores das primárias republicanas querem dar outra oportunidade a Donald Trump", disse.

Apesar de pontuar que tem divergências com o ex-presidente, especialmente sobre a pandemia de Covid-19, o governador da Flórida endossou sua nomeação pelo partido — na semana passada, o bilionário Vivek Ramaswamy também apoiou o magnata ao abandonar a corrida presidencial.

"Trump é superior ao atual presidente, Joe Biden. Isso está claro. Tem

meu apoio porque não podemos voltar à velha guarda republicana do passado ou a uma maneira reformulada de corporativismo requeentado que Nikki Haley representa", disse.

Mesmo antes do anúncio, Trump já tinha começado a

se referir ao governador no passado: "Que descanse em paz", disse durante um comício em Manchester, no sábado à noite. Ontem, a campanha do ex-presidente, que passou os últimos meses fazendo ataques intensos a DeSantis, incluía

do à sua expressão facial ou à sua escolha de sapatos, disse em nota que ele "se sentia honrado" pelo apoio.

#### FALTA DE CARISMA

Eleito governador da Flórida em 2018 com o apoio de Trump, DeSantis, um ex-oficial da Marinha de 45 anos, inicialmente atraiu apoio de muitos republicanos que o viam como uma estrela em ascensão da direita conservadora, apesar de sua falta de carisma. Com o tempo, afastou-se do ex-presidente republicano e ganhou notoriedade por posturas de extrema direita em educação, imigração e temas LGBT+.

Suas iniciativas incluíram impor uma das leis mais restritivas do país em relação ao aborto. Também se uniu a outros governadores republicanos no envio de emigrantes a cidades democratas do norte e leste dos Estados Unidos.

Mas sua candidatura, anunciada no final de maio do ano passado, teve dificuldades para estabelecer-se como uma ameaça a Trump, gastando dezenas de milhões de dólares sem qualquer efeito claro e ficando perigosamente sem dinheiro. Desde novembro, por exemplo, não havia anúncios de sua candidatura em New Hampshire.

Na semana passada, após a derrota em Iowa, o governador começou a sinalizar que poderia deixar a disputa e se voltar para a eleição de 2028. Neste fim de semana, cancelou todas as suas entrevistas televisivas, pressionando sua decisão.

Em um evento em Seabrook, New Hampshire, Nikki Haley disse que DeSantis "fez uma grande corrida, foi um bom governador", acrescentando: "Desejamos-lhe o melhor".

— Dito isto, agora resta um homem e uma mulher — continuou. — Isso se resume a 'o que você [eleitor] quer?'. Você quer mais do mesmo ou quer algo novo? (Com New York Times e AFP)

## Alemanha tem mobilização inédita contra ultradireita

Em três dias, atos reúnem 1,4 milhão de pessoas em repúdio à proposta de expulsão em massa de imigrantes feita em reunião

JULIAN

Pelo terceiro dia consecutivo, centenas de milhares de pessoas saíram às ruas de cidades alemãs ontem para protestar contra o partido de ultradireita AfD (Alternativa para a Alemanha), numa mobilização de magnitude sem precedentes após a revelação de que membros da sigla discutiram planos de deportação em massa de imigrantes.

Desde sexta-feira, cerca de cem manifestações reuniram mais de 1,4 milhão de pessoas em todo o país, segundo a organização Friday for Future e a aliança cidadã Compact. Ontem houve atos contra a extrema direita em 40 cidades, incluindo Berlim. Em Munique, cerca de 80 mil pessoas compareceram ao ato contra a AfD.

Os protestos eclodiram após a organização de jornalismo investigativo Correctiv revelar, em 10 de janeiro, que, numa reunião secreta realizada em 25 de novembro por extremistas de direita em Potsdam, discutiu-se um projeto de expulsão em



massa de imigrantes, solicitantes de asilo e cidadãos alemães considerados por eles "não assimilados".

Diversos membros da AfD, neonazistas e empresários compareceram ao evento, comparado pela ministra do Interior alemã, Nancy Faeser, à "horrible

conferência de Wannsee", em 1942, na qual o regime nazista planejou o extermínio dos judeus europeus.

**'ENCONTRO DA VERGONHA'** Políticos, representantes religiosos e dirigentes de futebol fizeram um apelo à população para que se

mobilizasse contra o partido, que entrou no Parlamento em 2017. De acordo com pesquisas, a sigla está em segundo nas intenções de voto, com cerca de 22%, em três estados onde haverá eleições regionais em setembro. A AfD confirmou a pre-

sença de seus membros no "encontro da vergonha", como alguns meios de comunicação alemães o definiram, mas garantiu que não apoia o projeto de "remigração" — saída de um grande número de pessoas de origem estrangeira de um determinado país, mesmo sob

coação — apresentado pelo austríaco Martin Sellner, figura de destaque do movimento radical que esteve presente no encontro.

Os manifestantes "nos encorajam", declarou ontem o presidente da Alemanha, Frank-Walter Steinmeier.

— Eles defendem a nossa república e a nossa Constituição contra os seus inimigos — acrescentou.

Em Dresden, capital da Saxônia e reduto da AfD, a polícia relatou um "grande número de participantes". Em Colônia, os organizadores estimaram a multidão em 70 mil pessoas, enquanto em Bremen, a polícia local contabilizou 45 mil manifestantes na região central.

No sábado, quando o foco estava em Hanover, Frankfurt e Stuttgart, mais de 250 mil pessoas já haviam ocupado as ruas, segundo estimativas da rede ARD. No Leste da Alemanha (onde o apoio à sigla é mais forte), Halle reuniu cerca de 16 mil participantes.

— A elevada participação nas manifestações, especialmente em Halle, é um forte sinal contra o extremismo de direita e a favor da coexistência democrática — disse o primeiro-ministro da Saxônia-Anhalt, Reiner Haseloff.